

A compaixão segundo Hamilton

Por: Maria Clara Lucchetti Bingemer

Talvez pouca gente tenha visto, já que aconteceu em meio ao último feriadão de 1º de maio. Mas quem viu, nunca esquecerá o momento em que o Jornal Nacional exibiu a cena que agora, mais de vinte dias depois, é resgatada pela mídia e até mesmo pela propaganda do Partido dos Trabalhadores. Trata-se da história de Hamilton, trabalhador humilde e decente, que ocupou as telas da TV e tocou as sensibilidades que ainda não estão completamente anestesiadas para os gestos nobres que dignificam a espécie humana.

Hamilton é um tratorista baiano, que naquele dia recebeu de seu patrão a incumbência de derrubar uma casa de invasão na periferia de Salvador. Ao chegar lá, deparou-se com todo o ritual de praxe: representantes da prefeitura, advogados, etc. que se empenhavam em que a lei fosse cumprida. Era preciso derrubar a casa humilde que se encontrava ocupada por uma igualmente humilde merendeira a qual, cercada dos filhos que choravam nervosos e desamparados, desmaiava em meio ao desespero de ver as pás gigantes do trator apontadas para a casa que era seu único teto.

A ordem judicial foi lida e Hamilton, sentado ao volante do trator, dispôs-se a cumpri-la. Foi quando as câmeras registraram, surpreendentemente, o tratorista que escondia o rosto em lágrimas na manga do uniforme e balançava a cabeça. A ordem de derrubar foi repetida aos gritos. A família desalojada, entretanto, dava gritos de outra ordem que moveram o coração de Hamilton e o fizeram reverter a história.

Descendo do trator, ele explicou que não podia fazer aquilo. Os representantes da lei o tranquilizavam. Que não tivesse medo, nada iria lhe acontecer. Estava cumprindo o seu dever. Se não o cumprisse, aí sim, poderia ser preso, perder o emprego. Ordenaram-lhe que subisse ao volante outra vez e derrubasse a casa.

Hamilton obedeceu, mais uma vez ligou o motor e apontou o trator para a casa. E mais uma vez chorou. Chorou de compaixão, de dor, da impotência para a violência que a graça de Deus teima em gerar nos corações sensíveis ao outro e seu sofrimento. Certamente Hamilton, olhando aquela mulher e seus filhos, lembrou-se de sua família, das dificuldades que passaram sempre, da casa onde moravam e que lhes era tão necessária. E desceu novamente do trator, desta vez para não voltar a subir.

A reportagem que exibiu o fato informou ainda que Hamilton não foi punido por sua desobediência. Ao contrário, seu patrão, ao saber do acontecido, declarou que nunca mais cederia seu trator para realizar tarefa semelhante. O jornalista Arnaldo Jabor, comentando a notícia logo após, valorizou o exemplo daquele homem pobre e decente que em um mundo como o nosso ainda tinha a capacidade e a coragem de recusar-se a cumprir uma ordem que prejudicaria uma família pobre e indefesa.

Naquele momento, o gesto de Hamilton se inscreveu luminosamente na história da humanidade como epifania do amor e da compaixão divinos. O rosto de Deus que as Escrituras judaicas e cristãs revelam não é o de um Ser Supremo, sublime e distante, suficiente em sua Transcendência. Trata-se, ao invés, de um Deus compassivo, cuja primeira palavra revelada é a de que "ouviu os clamores de seu povo e conhece seus sofrimentos". E por isso desce para libertá-lo." (Ex 3, 7).

A revelação desse Deus compassivo e solidário vai encontrar sua culminância na pessoa de Jesus Cristo, o qual ensina que o amor está acima da lei e que o verdadeiro culto

é atender e cuidar do ferido caído à beira do caminho, antes que correr para o ritual celebrado no templo, ignorando a dor que atormenta os semelhantes (cf. Lc 10, 29-37).

O tratorista Hamilton condecorado pela OAB e retirado do seu anonimato pela mídia demonstrou que contra a compaixão que brota do coração de Deus e cai como graça atuante e eficaz no coração humano não existe poder nem lei capazes de serem coerção e obstáculo.